

Introdução

As associações científicas são um objeto bastante negligenciado nos estudos sociais da ciência. Tanto internacionalmente como em Portugal, muito poucos trabalhos têm sido feitos sobre este tipo de organizações. Se o seu papel histórico no dealbar da ciência moderna é frequentemente referido, muito pouco tem sido escrito sobre associações científicas atuais ou sobre o papel que desempenham na ciência contemporânea.

Os estudos de ciência têm privilegiado os coletivos informais na ciência, como a «república da ciência» de Polanyi, a «comunidade científica» de Hagstrom e Merton, os «colégios invisíveis» de Crane, as «comunidades epistémicas» de Knorr-Cetina ou o «campo científico» de Bourdieu. As teorias do Modo 2 de produção do conhecimento (Gibbons *et al.* 1995; Nowotny, Scott e Gibbons 2001), que postulam a diversificação das instituições envolvidas na construção de ciência, mais não fazem que mencionar de passagem as associações científicas. Muita atenção tem sido prestada à «hélice tripla» que se constitui entre universidades, Estado e indústria (Leydesdorff e Etzkowitz 1996; Shinn 2002), mas deixando inteiramente de fora outros atores que participam também no campo científico. E, tomando como referência das principais tendências do domínio dos estudos da ciência os artigos publicados no monumental *Handbook of Science and Technology Studies* (Hackett *et al.* 2008) ou as apresentações feitas nos congressos regulares das principais associações da área (EASST, 4S), as associações científicas são de facto um actor «invisível» na ciência.

No entanto há bastantes evidências que sugerem que este é um objeto pertinente e interessante, que importa conhecer melhor.

Por um lado, em vários outros domínios tem sido mostrado o relevante papel desempenhado pelas associações. Da saúde ao ambiente, das profissões à imigração, do género à educação, o associativismo é um fenómeno social em crescimento, proporcionando formas de mediação entre o indivíduo e o Estado, de agregação e representação de interesses, de expressão de identidade, de formulação de reivindicações, de sociabilidade e socialização (Robteutscher 2000). E só a multiplicação semântica de de-

nominações como terceiro sector, organizações não-governamentais, associações sem fins lucrativos, movimento associativo ou movimento social mostra como é rica a teorização em sociologia sobre estas instituições.

Por outro lado, a identificação em Portugal, através da recolha empírica executada no âmbito desta investigação, de mais de três centenas e meia de associações científicas, revela que estas estão longe de constituir um fenómeno residual e destituído de importância. O seu crescimento nas últimas décadas pode ser apontado ao desenvolvimento do sistema científico português, como a seu tempo se discutirá. Mas só este volume de associações já as torna merecedoras de atenção.

E se os dados referentes a outros países são escassos e poucas comparações permitem, encontram-se também alguns indícios do crescimento das associações internacionais (Schofer 2003b) e das federações de associações. São disso exemplo as inúmeras organizações internacionais, europeias ou regionais por disciplina científica onde a maioria das associações portuguesas estão filiadas, mas também grupos recentemente criados, como a EURODOC – European Council of Doctoral Candidates and Junior Researchers, que reúne associações de bolseiros e investigadores nos primeiros patamares da carreira (Urani *et al.* 2004), ou a Initiative for Science in Europe (ISE), uma plataforma de associações científicas europeias que esteve na base da criação do European Research Council (Zaragoza 2007).¹ Estas associações têm procurado influenciar a política europeia em matéria de ciência, reforçar o aconselhamento científico das decisões políticas e pugnar pelos direitos e condições de trabalho dos trabalhadores científicos.

Este livro pretende pois ser um contributo para conhecer as associações científicas portuguesas, caracterizar as suas atividades, traçar um perfil dos seus membros e compreender que funções desempenham não só no sistema científico nacional mas também na sociedade, na economia, na política do país.

O projeto

Este livro tem por base um projeto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CS-ECS/101592/2008), desenvolvido no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa em colaboração com o SOCIUS-ISEG-UTL e o CIES-IUL. A equipa

¹ Curiosamente o seu primeiro presidente foi José Mariano Gago, ministro da Ciência em Portugal entre 1995 e 2002 e entre 2005 e 2011.

do projeto, coordenado por Ana Delicado, foi composta por Raquel Rego, Cristina Palma Conceição, Inês Pereira e Cristiana Bastos, com o apoio dos bolseiros Luís Junqueira e Patrick Figueiredo.

O projeto teve início em Março de 2010 e foi finalizado em Agosto de 2012. O objetivo central foi compreender que papel desempenham as sociedades científicas na ciência contemporânea em Portugal. Pretendeu-se simultaneamente traçar um panorama das sociedades científicas no país e estudar o comportamento associativo e respetivas representações dos cientistas portugueses, de forma a compreender o lugar das associações científicas a diferentes escalas: na sociedade portuguesa, no sistema de ciência e tecnologia português, em disciplinas científicas específicas, nas carreiras dos cientistas e na própria investigação científica.

Para além dos resultados apresentados neste livro, o projeto incluiu ainda um núcleo de trabalho dedicado a estudos de caso históricos, coordenado por Cristiana Bastos. Centrados na Academia de Ciências de Lisboa e na Sociedade de Geografia de Lisboa, estes estudos de caso tiveram por finalidade compreender a articulação destas instituições, entre si e com a comunidade científica, com as práticas científicas e com o contexto sociopolítico. Apesar de a sua história institucional estar já documentada, carecia de ser compreendida a relação entre práticas científicas e suporte institucional. Adicionalmente, foi também desenvolvido um estudo de caso sobre a Associação de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento, que existiu entre 1985 e 2001.

Deste projeto de investigação resultou a criação de um *website* (www.socsci.ics.ul.pt), onde é disponibilizada a base de dados de associações científicas portuguesas (em contínua atualização), assim como todos os relatórios intermédios e produtos finais; a apresentação de comunicações em dezenas de congressos nacionais e estrangeiros; várias publicações em revistas científicas; bem como a realização de um colóquio, «Associações e Ciência», em Junho de 2012, nas instalações do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, não só para discussão de resultados mas também para apresentação de trabalhos por parte de outros investigadores portugueses sobre temas conexos.

Em termos metodológicos, o projeto, e o livro que dele resulta, sustentou-se numa combinação de procedimentos (ver a descrição detalhada na nota metodológica no final deste livro):

- recenseamento das associações científicas portuguesas;
- recolha e análise dos estatutos e códigos de ética das associações portuguesas;

- inquérito por questionário às associações científicas portuguesas;
- estudo aprofundado de uma amostra de associações, sustentado em análise documental, entrevistas a dirigentes, inquérito por questionários aos seus sócios e observação etnográfica em eventos;
- inquérito por questionário a investigadores em Portugal sobre pertenças associativas;
- *workshop* com representantes de associações científicas, para discussão dos resultados preliminares.

Estrutura do livro

Este livro procura sumarizar as principais conclusões deste projeto de investigação. Não se optou aqui por uma organização que siga cada um dos passos da investigação, nem os resultados obtidos por cada instrumento metodológico, nem mesmo por replicar a estrutura dos relatórios de investigação que foram sendo produzidos. O objetivo deste livro é efetivamente traçar uma imagem do fenómeno das associações científicas em Portugal que abranja a sua multidimensionalidade e os diversos campos onde a sua atuação se faz sentir. Em suma, compreender que funções cumprem estas associações na ciência e na sociedade portuguesas.

O livro encontra-se assim estruturado em cinco capítulos, seguidos por uma conclusão geral e por uma nota metodológica que visa retirar do corpo central os detalhes técnicos que tornam a leitura menos fluida mas que são essenciais para demonstrar a validade científica do trabalho que foi desenvolvido.²

O capítulo 1 destina-se a fazer uma apresentação genérica do fenómeno das associações científicas, primeiro a nível internacional, depois nacional. É traçada uma breve evolução histórica destas organizações, com referência aos casos mais proeminentes, e feita uma revisão sumária de como os estudos sociais da ciência têm abordado este objeto de estudo. No caso das associações científicas portuguesas é também feita uma caracterização genérica do universo recenseado, nomeadamente a sua evolução no tempo. Segue-se-lhe uma proposta de tipologia, que distingue três ideias-tipo principais de associação científica: as sociedades científicas disciplinares, as associações de profissionais científicos e as associações de divulgação científica.

² De igual forma, é disponibilizada no início do livro uma lista de abreviaturas das principais associações científicas referidas.

Cada um destes três tipos é então alvo de uma análise mais detalhada. É examinada a sua distribuição disciplinar, os períodos e as justificações para a criação das principais associações, a sua evolução e transformação ao longo do tempo. Procura-se sobretudo compreender com que finalidades surgem as associações e de que forma são produto do seu contexto social.

O capítulo 2 procura dar conta do papel das associações no campo científico. Em primeiro lugar são examinadas as duas principais funções desempenhadas pelas associações neste domínio: a circulação de informação entre pares, manifesta em duas atividades centrais, a organização de congressos e a edição de publicações científicas; e a promoção da investigação científica, através da atribuição de mecanismos de incentivo (prémios, bolsas) ou da efetiva participação em atividades de investigação.

Em seguida dá-se conta da presença dos cientistas nas associações, examinando o seu peso relativo face a outras categorias de associados, as funções desempenhadas, as estratégias de recrutamento. Estes dados são então confrontados com os resultados do inquérito a investigadores em Portugal relativos à sua participação associativa. É medida a pertença ou não aos diversos tipos de associações, as motivações que presidem à adesão, as práticas desenvolvidas dentro das associações.

Um terceiro núcleo temático neste capítulo diz respeito às ligações das associações científicas dentro do campo científico, nomeadamente com outras associações congéneres, com outros tipos de instituições e, por fim, com associações internacionais.

O capítulo 3 analisa o papel das associações científicas no exercício da ciência como profissão. Começa por examinar a participação de outros profissionais científicos (que não investigadores) e de «aprendizes» (estudantes do ensino superior) nas associações, nomeadamente o seu peso relativo, as restrições à entrada e os papéis que lhes estão reservados. Segue-se uma apreciação das atividades desenvolvidas pelas associações científicas em três domínios específicos: a defesa de interesses profissionais e as ações de *lobby*, a circulação de informação que tem como destinatários preferenciais os profissionais e os estudantes e o apoio profissional proporcionado, através da oferta de formação, centros de documentação, aconselhamento jurídico, etc. O capítulo termina com um apontamento sobre a regulação ética exercida (raramente) pelas associações científicas.

O capítulo 4 diz respeito ao papel que as associações científicas exercem na intermediação entre a ciência e várias esferas sociais. A primeira dimensão diz respeito aos públicos não especializados. Por um lado é analisada a participação de duas categorias de público não especializado

(estudantes e público em geral) como membros das associações científicas, identificando-se as variações segundo os três tipos de associações considerados; por outro lado, são descritas e interpretadas as atividades de disseminação científica que as associações desenvolvem para estes públicos, que mais uma vez se distinguem segundo o tipo de associação que as executa.

A segunda dimensão diz respeito à intermediação que é feita entre a ciência e a esfera política. Dá-se aqui conta das relações que as associações científicas estabelecem com organismos da administração central e local, a participação em órgãos consultivos e o aconselhamento em matérias não só de política científica mas também noutros sectores, como educação, saúde e ambiente.

Uma terceira dimensão das relações entre ciência e sociedade, onde as associações podem desempenhar um papel, consiste na ligação ao sector privado. São analisadas as relações existentes entre associações e empresas, com particular ênfase no potencial (em larga parte inexplorado) para promover transferências de tecnologia entre academia e indústria.

Por fim, é dedicada atenção à ponte entre ciência e *media* exercida pelas associações científicas. Canal de divulgação científica mas também instrumento para acrescer a visibilidade pública das associações, os meios de comunicação social procuram e são procurados por elas.

O último capítulo é dedicado à análise das associações científicas do ponto de vista organizacional. É examinada a organização interna das associações científicas, nomeadamente a estrutura interna e o desempenho do cargo de presidente da direcção, e a orgânica e dinâmica das associações, com particular relevo para a participação eleitoral, a divisão em núcleos, a profissionalização e o financiamento. São em seguida abordados os principais problemas das associações, que dizem principalmente respeito aos recursos materiais e humanos. Este capítulo finaliza com uma análise da participação dos associados, com base sobretudo no inquérito por questionário aplicado aos sócios das associações escolhidas para estudo aprofundado.

Uma palavra final de agradecimento às instituições e pessoas que tornaram possível o desenvolvimento deste projeto de investigação: à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que o financiou; ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, que o acolheu; ao CIES-IUL e ao SOCIUS-ISEG-UTL, que nele participaram; às consultoras do projeto, Maria Eduarda Gonçalves e Paula Castro; ao Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa (em particular a Marta Lourenço) que acolheu o colóquio «Associações e Ciência»;

aos colegas com quem fomos discutindo os passos da investigação; ao *referee* deste livro, António Firmino da Costa; a todas as associações científicas que com ele colaboraram, cedendo informação e participando no debate dos resultados; aos investigadores que responderam ao inquérito sobre participação associativa.